

# 1 Modelo Computacional de Programas Lógicos

Considere o seguinte código:

```
resistor(energia,n1).
resistor(energia,n2).
transistor(n2,ground,n1).
transistor(n3,n4,n2).
transistor(n5,ground,n4).

inversor(Entrada, Saida) :-
    transistor(Entrada, ground, Saida),
    resistor(energia, Saida).

porta_nand(Entrada1, Entrada2, Saida) :-
    transistor(Entrada1, X, Saida),
    transistor(Entrada2, ground, X),
    resistor(energia, Saida).

porta_and(Entrada1, Entrada2, Saida) :-
    porta_nand(Entrada1, Entrada2, X),
    inversor(X, Saida).
```

Código 1: Circuito

A leitora pode se perguntar qual o resultado do seguinte goal:

```
porta_and(Entrada1, Entrada2, Saida)?
```

Ela também pode se perguntar “Será que, dado um programa qualquer e um goal qualquer dá para “calcular” o resultado do goal?”.

Se houvesse muitos programas com goals de resultados incalculáveis, programação lógica não seria tão útil e dificilmente teria sido feito um material como este (mais difícil ainda é o material ter sido feito e a leitora estar lendo), então esse não deve ser o caso, alguém poderia dizer.

Se o goal estiver expresso no programa apenas como um fato base, prová-lo é fácil: só precisamos checar se algum dos fatos é igual ao goal. No caso mais geral, entretanto, se o goal conter alguma variável ou só puder ser provado através de alguma regra, a situação pode ficar mais complicada.

Se o goal contiver variáveis, para prová-lo precisamos encontrar uma substituição para cada uma delas de forma que cada um dos termos do goal seja logicamente consistente com o programa. Aqui o que queremos dizer com “substituição” é que em todo lugar em que a variável aparecer, ela é substituída por um outro termo (em outras palavras, uma substituição  $S$  é um conjunto, possivelmente vazio, de atribuições de valores a variáveis). Uma forma de pensar sobre isso é que, antes da substituição, a variável “tem uma vida só sua”, sendo

irrestrita, e que, depois, sua vida é, na verdade, “a vida de outro”, ou seja, é, em algum sentido, restrita. Mais precisamente, temos:

**Definição 1.1.** Dado um termo  $p(a_1, \dots, a_n)$ , onde os  $a_j$ , para  $j \in J$ ,  $J$  algum conjunto indexador, são variáveis, uma **substituição**  $\iota$  de **unificações**, escritas como  $a_i = k_j$ , onde  $k_j$  é uma variável ou um termo atômico e “=” indica que  $a_i$  é idêntica a  $k_j$  e dizemos que  $a_i$  é unificado com  $k_j$ . Uma substituição  $\iota$  sobre um programa  $P$  é escrita  $P\iota$ .

**substituição  
unificações**

*Observações.*

1. Ao realizar uma substituição  $\iota$  sobre um programa  $P$ , o resultado é ou programa  $P\iota$ , sobre o qual podemos, em particular, fazer outras substituições;
2. A relação “ $A = B$ ” deve ser entendida como usado em álgebra (isto é, como denotando uma relação simétrica de igualdade entre  $A$  e  $B$ ) e não como geralmente usado em programação, como um operador de atribuição assimétrico (em que  $A = b$  não é o mesmo que  $b = A$ );
3. O símbolo “=” expressa a relação de dois termos serem idênticos;
4. Essa relação é transitiva: se  $A$ ,  $B$  e  $C$  são variáveis e se  $A = B$  e  $B = C$ , então  $A = C$  (se  $A$  é idêntico a  $B$  e  $B$  é idêntico a  $C$ , então  $A$  é idêntico a  $C$ );
5. Pelo item (2), não podemos fazer<sup>1</sup>  $A = 1$  e, logo em seguida,  $A = 2$ : isso resulta em falha, por inconsistência.

Se temos que existe alguma substituição  $\iota$  (possivelmente vazia) para que  $p(a_1, \dots, a_n) = q(b_1, \dots, b_n)$ , dizemos que  $p(a_1, \dots, a_n)$  é unificável com  $q(b_1, \dots, b_n)$ . “=” é o **símbolo de unificação**<sup>23</sup>.

**símbolo de  
unificação**

Convém notar aqui que, em Prolog, funtores são *cidadãos de primeira classe*, o que significa que compartilham o direito e privilégio de ser nomeado por uma variável (isto é, uma variável pode receber qualquer funtor n-ário, não só átomos).

Normalmente, quando lidando com outros tipos de linguagens, também seria dito que:

<sup>1</sup>Na verdade, podemos. Mas é como se não pudéssemos. Isso vai ficar mais claro quando lidarmos com *backtracking*.

<sup>2</sup>Veremos depois mais predicados do tipo “a op b”, onde op é o operador (no caso, op é =/2). Predicados desse tipo são chamados de infixos. Todo predicado infixado também pode ser usado no formato prefixo (como =(a, b) ) e predicados infixos também podem ser definidos pelo programador, como já mencionado anteriormente.

<sup>3</sup>Rigorosamente, “predicados” são diferentes de “funtores”, mas neste texto adotaremos a convenção usual de nos referir a um “funtor” como “predicado” quando quisermos enfatizar seu caráter procedural.

1. Cidadãos de primeira classe podem ser retornados por funções e passados como argumentos a elas e
2. Que podem ser incorporados em estruturas de dados.

Como em programação lógica, a princípio, não fazemos uso de funções<sup>4</sup>, não podemos fazer a afirmação 1, mas, na prática, o que dizemos é equivalente. Isso porque, apesar de um funtor  $\mathbf{f}/\mathbf{n}$  não retornar um valor propriamente dito, se queremos um “valor de retorno”, sempre podemos fazer um  $\mathbf{f}/\mathbf{n}+1$ , cujo último argumento (ou qualquer outro, mas costumamos optar pelo último pela conveniência de fazer apenas uma escolha) seria o valor de retorno (como já foi visto no funtor `length/2`, por exemplo) e o termo nessa última posição, se for uma variável, pode ser unificado com um funtor. Quanto à afirmação 2, podemos dizer somente que os funtores são o tijolo e cimento das estruturas de dados em programação lógica.

Voltando ao tema das substituições, todas elas são iguais, mas algumas são mais iguais que outras. Em particular, dado um programa  $P$  e substituições  $\iota$  e  $\nu$ , se existe alguma substituição  $\eta$  tal que  $(P\iota)\eta = P\nu$ , dizemos que  $\iota$  é uma substituição mais geral do que  $\nu$ . A substituição mais geral é de especial importância, porque podemos expressar outras substituições em função dela.

Agora podemos expressar nosso objetivo de provar o goal a partir do programa como o de achar uma substituição tal que cada termo do goal seja unificável com alguma cláusula do programa. Mais precisamente, um goal é provado a partir do programa se é possível unificar cada termo do goal com alguma cláusula do programa de forma a preservar a consistência das cláusulas. O processo pelo qual esse objetivo é realizado é chamado **processo de resolução**.

processo de  
resolução

Unificação exerce um papel fundamental na programação lógica. Na prática, ele resume processos de atribuição de valores, gerenciamento de memória, invocação de funções e passagem de valores, entre outros. O primeiro estudo formal sobre unificação é devido a John A. Robinson [1], que depois de montar um algoritmo de unificação, gerou o primeiro de que temos conhecimento.

O algoritmo dele é um tanto ineficiente e só foi citado por considerações históricas. Usaremos um outro no lugar. Antes, vale lembrar que um programa lógico é um conjunto de regras que recebe um goal (ou uma busca) e retorna *sucesso* (ou, sim, ou verdadeiro, dependendo da preferência pessoal) se a busca tem sucesso ou *falha* (ou, não, ou falso...) se não.

Como discutido acima, para provar um goal a partir de um programa é suficiente que tenhamos um algoritmo de unificação. Esse algoritmo recebe uma equação do tipo  $T_1 = T_2$ , e devolve uma substituição mais geral<sup>5</sup> para as variáveis presentes caso tal substituição exista, ou falha, caso contrário. O

<sup>4</sup>Em programação lógica pura não há funções no sentido usual, mas nas encarnações concretas de programação lógica, elas costumam aparecer de um jeito ou de outro.

<sup>5</sup>É importante que seja a mais geral, para não perdermos possíveis soluções

algoritmo que utilizaremos faz uso de uma pilha para armazenar as sub-equações a serem resolvidas e de um espaço  $\Gamma$  para armazenar as substituições:

- (a) Faça o *push*<sup>6</sup> da equação na pilha;
- (b) Se a pilha estiver vazia, devolva sucesso. Se não, faça o *pop* de um elemento (uma equação)  $T_1 = T_2$  da pilha. Realize uma das ações a seguir, segundo a equação retirada:
  1. Se  $T_1$  e  $T_2$  forem termos unários idênticos, nada precisa ser feito;
  2. Se  $T_1$  é uma variável e  $T_2$  um termo não contendo  $T_1$ , realize uma busca na pilha pelas ocorrências de  $T_1$  e troque  $T_1$  por  $T_2$  (o mesmo é feito em  $\Gamma$ );
  3. Se  $T_2$  for uma variável e  $T_1$  for um termo não contendo  $T_2$ , a ação tomada é análoga ao do passo anterior;
  4. Se  $T_1$  e  $T_2$  forem termos compostos de mesmo funtor principal e aridade,  $f(a_1, \dots, a_n)$  e  $p(b_1, \dots, b_n)$ , adicione as equações  $a_i = b_i$  na pilha;
  5. Em outro caso, devolva falha.
- (c) Retorne ao passo (b).

Intuitivamente, esse algoritmo tenta provar a equação de forma construtiva: isto é, tenta construir uma solução por meio de substituições e, se não chegar a uma contradição, termina com sucesso, “devolvendo” (não no sentido de uma função que devolve um valor, mas no de “mostrar” ao usuário do programa) a substituição realizada.

Para provar um goal  $G$ , escolhemos não-deterministicamente<sup>7</sup> a cabeça de uma cláusula  $T$  do programa, construímos uma equação do tipo  $G = T$  e aplicamos o algoritmo acima. Caso ele devolva sucesso, fazemos o mesmo com cada termo do corpo da cláusula. Caso devolva falha, seleciona-se outra cláusula e é realizado o mesmo processo, até que não haja mais cláusulas a serem selecionadas, quando o goal retorna falha.

O passo 2.b do algoritmo merece uma explicação um pouco mais detalhada. Ele diz implicitamente que  $x$  não é unificável com algum  $y(a_1, \dots, x,$

<sup>6</sup>Os *push* e *pop* devem ser entendidos como realizadas em uma pilha: *push* põe um elemento na pilha, *pop* retira.

<sup>7</sup>No geral, podem existir várias escolhas possíveis e pode ser que, por algumas sequências de escolhas de cláusulas, nunca cheguemos a uma prova do goal, apesar de ele ser deduzível a partir de outras escolhas de cláusulas. Quando dizemos que a escolha é não-determinística, queremos dizer que, se existem mais de um conjuntos de escolhas que provam o goal, um desses conjuntos é escolhido (a escolha é feita entre as cláusulas que podem provar o goal, o que significa que, se ele é provável, ele é provado). Na prática, isso pode ser implementado apenas aproximadamente. Ainda assim, é uma abstração importante e leva a aplicações interessantes, na assim chamada, *programação não-determinística*. Em outros contextos, também podemos usar esse mesmo termo para nos referir a situações nas quais o programa tem, a princípio, mais de uma “escolha” (se não há “escolhas”, dizemos que o contexto é determinístico).

...a<sub>n</sub>), isto é, com algum funtor que tome x como argumento. Pode parecer estranho a princípio, mas a estranheza some se se lembrar que funtor não é função: um funtor representa uma estrutura primariamente simbólica. Sem essa condição, se  $X = y(a_1, \dots, X, \dots, a_n)$ , então  $X = y(a_1, \dots, y(a_1, \dots, x, \dots, a_n), \dots, a_n) = y(a_1, \dots, y(a_1, \dots, y(a_1, \dots, y(a_1, \dots, x, \dots, a_n), \dots, a_n), \dots, a_n), \dots, a_n)$  em um ciclo sem fim. Com um processo desses, não dá para provar um goal e, portanto, é devolvida falha.

Para entender melhor, tome o exemplo do código ??, no início deste Capítulo, e suponha que àquele código é submetido o goal `resistor(energia, n1)`? O algoritmo é aplicado como se segue:

1. Tentaremos a unificação do goal com a cláusula na primeira linha do programa: a equação `resistor(energia, n1) = resistor(energia, n1)` é posta na pilha;
2. Uma equação é retirada da pilha: a equação `resistor(energia, n1) = resistor(energia, n1)`;
3. A equação é formada por dois funtores termos compostos de mesmo funtor principal e mesma aridade: as equações `energia = energia` e `n1 = n1` são postas na pilha;
4. É retirada uma equação da pilha: a equação `energia = energia`. Como os dois lados da equação são idênticos, não há mais o que fazer;
5. É retirada outra equação da pilha: a equação `n1 = n1`. Como os dois lados da equação são idênticos, não há mais o que fazer;
6. A pilha está vazia: o programa devolve sucesso, com a substituição  $\Gamma = \{\}$  (substituição vazia).

## 1.1 Programas “gera-e-testa”

Programação não determinística não serve apenas para o desenvolvimento da teoria de computação de programas lógicos, também serve como uma abstração útil para a criação de programas interessantes.

Imagine que você se encontra em uma situação problemática e gostaria de resolver o problema. Um procedimento possível é gerar uma provável solução e, então, testar se ela de fato resolve o problema. Se formos traduzir isso para programação lógica, teríamos algo como:

Para algum *gera* e algum *testa*. A hipótese de não-determinismo está na esperança de que será gerada uma solução que passa no teste, o que não é, a princípio, claro ser possível. Na prática, isso seria aproximadamente resolvido com o artifício do *backtracking*, que veremos posteriormente.

```

encontra(X) :-
    gera(X),
    testa(x).

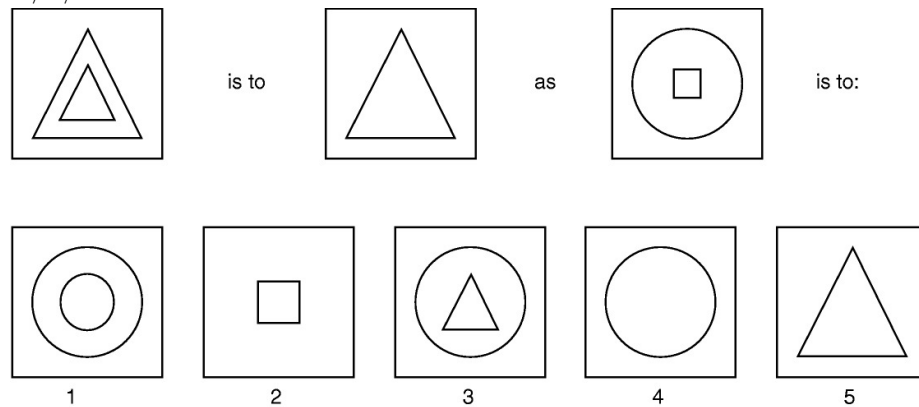
```

Código 2: Encontra

Gera-e-testa é um modelo comum para a resolução de vários problemas. Frequentemente, no entanto, o *testa* está mesclado com o *gera*, de modo a tornar o procedimento mais eficiente<sup>8</sup>. Muitas vezes a programadora não precisa se preocupar com isso, tornando essa uma abstração útil. Talvez isso fique mais claro com o seguinte exemplo.

O exemplo de programa gera-e-testa que usaremos é o “ANALOGY”. Considere o problema de encontrar analogias geométricas, como o mostrado na figura 1<sup>9</sup>:

Figura 1: Retirado de [http://cs-alb-pc3.massey.ac.nz/notes/59302/101.html], acesso em 03/11/2017.



Um possível algoritmo para resolver esse problema é o seguinte:

1. Ache uma operação que relaciona os objetos<sup>10</sup> para os quais conhecemos a relação “is\_to”;
2. Aplique essa operação no objeto dado para gerar um outro objeto;
3. Cheque se o objeto gerado está entre as opções listadas:
  - Se não estiver, volte ao passo (1);

<sup>8</sup>Na verdade, em geral, tenta-se pôr o teste tão dentro do gerador quanto possível, levando a um gasto menor de tempo de processamento com soluções inúteis.

<sup>9</sup>Esse problema foi retirado da edição de 1942 do “Teste psicológico para calouros de faculdade”, do conselho americano de educação [2].

<sup>10</sup>Usaremos “objeto” como um termo geral para nos referir a algo a que não queremos nos dar ao trabalho de definir rigorosamente.

- Caso contrário, termine.

No problema específico mostrado, podemos ver que, na primeira linha, a relação entre o primeiro diagrama e o segundo é que o segundo é o primeiro quando se retira a figura no centro. Assim, uma resposta ao problema seria encontrar um diagrama na segunda linha que corresponda ao terceiro da primeira menos a figura do centro (isto é, um círculo dentro de um quadrado, o diagrama 4 na segunda linha).

O programa a seguir implementa esses passos em um programa lógico<sup>11</sup>:

```
analogy(is_to(A, B), is_to(C, X), Answers) :-
    match(A, B, Operation),
    match(C, X, Operation),
    member(X, Answers).

match(inside(Figure1, Figure2),
      inside(Figure3, Figure2),
      exclude_center) :-
    Figure1 = inside(Figure5, Figure6),
    Figure3 = Figure6.

match(inside(Figure1, Figure2),
      inside(Figure2, Figure1),
      invert).
```

Código 3: Analogy

Esse programa é muito específico: ele toma a analogia entre apenas dois objetos e, a partir disso, cria uma analogia com um terceiro. Uma generalização é possível, mas, para nossos propósitos, isso é o suficiente.

Para que ele funcione, a maneira como os diagramas são representados é fundamental. Estando representados apropriadamente, `match/3` nos dá a operação que relaciona um objeto A com um B. Com isso em mãos, só precisamos aplicar a mesma operação ao termo C, por meio de `match/2`, achando X, o objeto que queríamos. Vale ressaltar que `match/2` está sendo usado de duas maneiras diferentes<sup>12</sup>: para encontrar a relação entre dois termos e para “fabricar” um termo com uma relação desejada. O predicado `member/2` ainda não foi explicado, e só o será melhor entendido posteriormente: por enquanto, é suficiente assumir que `member(A, B)` se B for uma lista (essa coisa entre colchetes, que será explicada

<sup>11</sup>O “=” usado nesse programa é o mesmo da “substituição” mencionada acima e é a relação de identidade:  $A = B \Leftrightarrow A$  é idêntico a B.

<sup>12</sup>Esse tipo de comentário provém de uma leitura procedural: do ponto de vista estritamente lógico, `match/2` apenas expressa uma relação, que pode ser verdadeira ou falsa (isto é, pode existir ou não existir). Pensar do ponto de vista lógico é conveniente para fazermos programas mais elegantes e gerais, mas, sem uma leitura procedural adequada, não conseguiríamos trabalhar com alguns dos programas que veremos mais para frente.

adiante) da qual *A* faz parte (no caso, de *C* fazer parte de *Answers*)<sup>13</sup>.

Caso esteja se perguntando qual a relação com o modelo do gera-e-testa discutido anteriormente: o primeiro *match* ajuda o segundo a gerar o *member* testa se o resultado é válido.

O seguinte programa realiza um teste ao programa anterior:

```
test_analogy(Name, X) :-
    figures(Name, A, B, C),
    answers(Name, Answers),
    analogy(is_to(A,B), is_to(C,X), Answers).

figures(test1,
    [ inside(inside(triangle, triangle),square),
      inside(triangle, square),
      inside(inside(square, circle),square) ] ).

answers(test1,
    [ inside(inside(circle, circle), square),
      inside(square, square),
      inside(inside(triangle, circle), square),
      inside(circle, square),
      inside(triangle, square) ] ).
```

Código 4: Test Analogy

O goal `test_analogy(test1, X)?` tem o resultado esperado.

Talvez tenha estranhado que os últimos programas estejam todos em inglês. O programa Analogy (um parecido, em espírito, com o usado aqui) foi apresentado como a tese de doutorado de Thomas Evans [2], no MIT. Preferimos manter o nome original (analogy) e com o nome veio o resto.

Alguém poderia dizer que a maior parte da “inteligência” do programa está na representação utilizada. Vale notar, entretanto, que, diferente do programa discutido aqui, o original não tomava figuras geométricas como primitivas e tinha que criar um tipo de representação por conta própria. Como isso foi feito está além do escopo deste texto.

---

<sup>13</sup>Caso o mistério te incomode, considere fazer uma visita ao Capítulo 3.



## Leituras adicionais

- [1] J.A. Robinson (Jan 1965), “A Machine-Oriented Logic Based on the Resolution Principle”, *Journal of the ACM*, 12 (1): 23–41.
- [2] T.G. Evans, “A Program for the Solution of Geometric-Analogy Intelligence Test Questions”, *Semantic Information Processing* , M. Minsky, ed., MIT Press, 1968, pp. 271–351.